Ano IV — Lisboa, Janeiro de 1948 — N.º 33

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

NÚMERO AVULSO 1$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

TRÊS ANOS DE SERVIÇO

Vai o «*Sempre Pronto*» entrar no quarto ano de publicação. Um ano findou. Diríamos que foi um ano igual aos outros, com as mesmas dificuldades, com os mesmos êxitos, se este ano não tivesse a assinalá-lo um triunfo sobre dificuldades bem diversas, criadas por aqueles que não tendo cumprido o dever de dotar o movimento escotista com um órgão de imprensa, sentem como uma acusação o nosso êxito conseguido à custa de muito esforço, de muito sacrifício, esforços e sacrifícios que nunca fizeram pelo Escotismo, nem estão dispostos a fazê-lo.

Viemos a lume no único intuito de servir; servir a educação e a cultura, servir o Escotismo. Não tivemos como finalidade servir indivíduos. Sentimos muito prazer em louvar toda a acção nobre, tudo quanto é feito a bem da Causa que servimos. É nosso dever estimular as boas acções, mas não podemos deixar de apontar os erros que têm levado à desorganização do Movimento.

Moveram-se por isso influências para fazer calar a voz que desassombradamente vem pugnando pelo progresso do Escotismo em Portugal, travando a sua decadência. Mas a nossa vontade superou as contrariedades.

* * *

Chegados ao fim de um novo ano de publicação, lançando um olhar retrospectivo ao nosso trabalho, verificamos que, afinal, temos fundamentadas razões para comemorar alegremente este terceiro aniversário do «*Sempre Pronto*». Para que nos aborrecermos com as dificuldades surgidas, ou com quem as promoveu, se elas serviram apenas para tornar mais valioso o triunfo, mais significativo o êxito? Foram essas mesmas dificuldades que levaram amigos a manifestarem a sua compreensão pelo nosso esforço, o seu interesse pela Obra, a sua solidariedade nos nossos propósitos.

Cumprimos por isso um dever ao compartilhar com os nossos colaboradores e assinantes a nossa alegria, ao agradecer-lhes a sua simpatia e cooperação, ao garantir-lhes o nosso firme propósito de prosseguir nesta cruzada a bem do Escotismo, a bem de Portugal.

DUAS DATAS

DIA DE NATAL—DIA DE ANO NOVO

Duas datas que sendo de inspiração tão diferente, o calendário aproximou e nós fundimos nos votos de amizade que entre nós trocamos.

O Natal evoca a vinda a este mundo do Salvador e traz-nos o eco dos belos cânticos angelicais, votos de Deus à pobre humanidade a quem a redenção era oferecida. — Glória a Deus nas alturas, paz na terra, e boa vontade para com os homens.

O Novo Ano assinala o início dum novo período na vida dos homens, momento oportuno de estabelecer novos planos de trabalho, novo programa de vida. O Natal tem a sua mensagem tradicional publicada pelos anjos. O Ano Novo deveria também ter a sua mensagem, que fosse ao mesmo tempo um plano, um projecto de trabalho.

Então porque não se tornar em mensagem de Novo Ano, a mensagem do Natal?

Que melhores desejos poderemos nós formular neste princípio de ano

(Continua na 2.ª página)

A vida no ar livre e a sua influência na educação

Estabelecido que toda a actividade escotista se fará, tanto quanto possível, por meio de jogos e concursos, importa agora evidenciar que o ar livre, o campo, é o ambiente próprio para o perfeito desenvolvimento dessa mesma actividade.

Se todo o método escotista tem por finalidade descobrir o rapaz, conhecer os seus defeitos e qualidades, para que depois se possa exercer proveitosamente a acção educativa, importa saber que a vida em contacto com a natureza nos proporciona as melhores ocasiões de fazer essa descoberta, ao mesmo tempo que nos oferece um meio ideal para a formação do carácter e da personalidade do rapaz.

Conhecendo-se que a criança e o adolescente sentem necessidade de brincar, de gritar, de correr e saltar, não é difícil concluir que estes desejos se não podem satisfazer no ambiente asfixiador da cidade, onde todos os movimentos estão cerceados pela disciplina da Escola, pela conveniência de não incomodar os vizinhos, pelas tão úteis regras de trânsito. Por isso o rapaz encontra na vida ao ar livre o seu ambiente

(Continua na 2.ª página)

A vida no ar livre e a sua influência na educação

(Continuação da 1.ª página)

próprio, onde se pode expandir, dar plena satisfação aos anseios do seu corpo e do seu espírito, e nessa manifestação do seu ser, revela-se, deixa-se conhecer. E é muito importante aproveitar bem esta oportunidade, porque o adolescente esconde o mais possível os segredos da sua alma, procura encobrir ciosamente os seus defeitos e até as suas qualidades.

O dirigente escotista, através da sua experiência, em breve comprovará este axioma. Quantas vezes acontece que se convive com um rapaz há já algum tempo através dos trabalhos da sede, onde ele se comporta de maneira a não se revelar, mas eis chegada a primeira actividade de campo e logo surgem defeitos que nos surpreendem, por inesperados.

A vida no campo, particularmente os acampamentos, proporcionando a expansão das necessidades do adolescente, tornar-se-ia perigosa se não se procurasse corrigir os excessos, eliminar os defeitos revelados. Por isso o Campismo deve ser uma actividade ordenada, sujeita a uma disciplina rigorosa, obedecendo a um plano prèviamente traçado. Assim o rapaz canalizará a satisfação das suas aspirações para uma actividade construtiva, subordinando o seu desejo de recreio ao interesse de todos.

A vida em contacto com a natureza deve ser dura, não violenta, para desenvolver o espírito enérgico, a força de vontade. Desenvolver-se-á em rigoroso sistema de patrulhas, deixando que esse grupo de rapazes se discipline a si próprio e viva dos seus próprios recursos, com vista a desenvolver o espírito de iniciativa. Deve fomentar o espírito de observação, levando o rapaz a observar as maravilhas do Criador, conhecendo os grandes e pequenos animais, as plantas, os minerais, os montes, as planícies. as nuvens, as estrelas.

O Campismo constitui o verdadeiro *pano de fundo* de toda a educação escotista. Percorrei da primeira à última as páginas do *Scouting for Boys* e verificareis que todas as actividades sugeridas por Baden-Powell se desenrolam em pleno campo. É ali que o escoteiro desenvolve as suas capacidades, aperfeiçoa os seus sentidos, executa com maior facilidade os jogos e exercícios.

No lar, os excessivos carinhos da família fazem-no definhar, tornam-no inútil para agir; no campo habitua-se a cuidar do seu sustento, das suas necessidades, da sua vida.

O Escotismo toma assim o aspecto dum movimento de reacção à vida sedentária das cidades, num esforço para criar uma juventude sã de corpo e de espírito, corajosa, viril. Não ignoramos que os grandes aglomerados urbanos nos oferecem o pior ambiente para a formação do carácter e desenvolvimento da personalidade do adolescente.

Baden-Powell, que passou uma boa parte de sua vida em contacto com os povos que, apesar da sua civilização atrasada, mantêm um verdadeiro culto pelos dotes de coragem, valentia e virilidade da gente nova, viu com desapontamento a vida flácida, viciosa, que a juventude do seu país levava. Então concebeu o seu método educativo, todo inspirado na vida da selva.

Propositadamente deixámos de referir o benefício que a vida no campo acarreta à saúde do rapaz, pois todos sabem como é tonificante a vida ao ar livre.

Tentai separar o Escotismo da vida no campo e verificareis que o que fica será *qualquer coisa*, mas não Escotismo. Não será este um outro motivo porque tantos grupos se estiolam, asfixiados dentro das paredes das suas sedes?

Regresso ao campo, regresso aos jogos e concursos, deverá ser a palavra de ordem a todos os grupos neste princípio de 1948.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DO «JAMBOREE»

A fim de corresponder ao interesse manifestado por alguns dos nossos leitores, vamos efectuar, na nossa Redacção, nova Exposição das principais fotografias do «Jamboree» Mundial da Paz.

A Exposição estará patente ao público nos Domingos, dias 11 e 18 do corrente, das 15 às 18 horas, e nas terças e quintas-feiras deste mês, das 21 às 22,30 horas.

CAMPANHA PARA 500 NOVAS ASSINATURAS

Tivemos o prazer de registar as seguintes assinaturas:

Srs. Mário Rocha Santos, Dr. Luís Cabral Adão, Jaime Pinto Camecelha, José Marques Serrano, Israel Ferreira Samarago, Félix Bragança e António Serrano Rodrigues.

Aos novos assinantes, os nossos melhores agradecimentos.

No n.º 31 registámos 165 novas assinaturas. Devemos abater 3 a este número que não foram efectivas. Adicionando as presentes 7, perfazem 169 novas assinaturas.

Quem nos ajuda a atingir o nosso alvo?

DIA DE NATAL — DIA DE ANO NOVO

(Continuação da 1.ª página)

do que o desígnio de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que as nossas vidas em 1948 sejam um hino de Glória a Deus, *trabalhando com afinco para que haja* paz na terra, *fomentando* a boa vontade entre os homens.

O mundo vive uma fase difícil da sua vida. Nunca como hoje houve tanta necessidade de pensar, de meditar num princípio de ano, e nunca como agora a Mensagem da Natal teve tanta oportunidade.

Desenham-se sobre a Terra, bem definidamente, duas forças enormes ao serviço do Bem e ao serviço do Mal. Dum lado estão todos os homens de boa vontade, que com os olhos postos no Altíssimo procuram que as suas vidas sejam um factor de Paz e Concórdia. Do outro alinham os servidores do Mal, fomentadores de ódios, agentes de perturbações, com os olhos postos nos bens materiais, no poder humano. Procuremos verificar em que posição nos encontramos e diligenciemos colaborar na obra de Paz, orientados pela divina mensagem que Cristo trouxe ao mundo.

E que o ano de 1948 seja propício a todos os nossos amigos e leitores, venturoso em paz e prosperidade. São estes os votos de todos os que no «Sempre Pronto» trabalham.

Exposição de Fotografias Escotistas

O Grupo n.º 5 está de parabéns. A exposição de fotografias que inaugurou no passado dia 14 do mês findo, no Grupo Desportivo dos Tabacos, onde está anexo, foi uma interessante demonstração de trabalho e espírito de iniciativa. Foram expostas 212 fotografias, apresentadas de maneira atraente e acompanhadas de desenhos decorativos, respeitantes a actividades dos Grupos 2, 5, 6, 9, 60, 84, 85, 93, 99 e 100 (marítimos, presentemente inactivo) e de um grupo de irmãos-escoteiros espanhóis, em actividade antes de 1936. Figuravam ainda as bandeiras de todos os grupos presentes.

Foi pena que nem todos os grupos tivessem enviado fotografias a documentar as suas actividades, sendo de notar a ausência de todas as unidades do Norte. No entanto, é de esperar que em futuras exposições o 5 possa já contar com novas adesões e a experiência adquirida tornará possível ainda uma melhor apresentação. Permitimo-nos sugerir que as fotografias sejam reunidas por grupos, destacando assim a cooperação prestada por cada um.

As fotografias, que vão percorrer as sedes dos Grupos participantes, seguem agora para a do 9, em Santa Clara.

* * *

Antes da inauguração efectuou-se uma sessão solene na qual o Chefe Mário Fernandes expôs os fins da iniciativa do seu Grupo, após o que discursaram um Director do Grupo Desportivo dos Tabacos, e o Sr. José Antunes, Presidente dos Bombeiros Voluntários de Odivelas. Estiveram presentes representações dos Grupos 2, 9, 79, 85, 94 e 99.

CRISTO E A FRATERNIDADE UNIVERSAL

Concurso Internacional para a Juventude

Já várias vezes temos seguido em Portugal com muito interesse este concurso e temos tido o prazer de ver os nossos rapazes e raparigas saírem-se bastante bem, obtendo elevadas classificações, e mesmo alcançando os primeiros prémios, o que é sem dúvida bastante lisongeiro tratando-se de muitos concorrentes de variados países.

Depois do interregno forçado pela última guerra mundial que devastou a Europa e o Mundo, novamente se vai pôr à prova a Juventude, fazê-la pensar nos ideais nobres da Paz e tornar bem vincado em todos os espíritos a ideia de que só nas leis de Cristo e do Amor se pode alcançar uma melhor concórdia entre os homens.

Esperamos que Portugal novamente concorra com entusiasmo para manter a óptima posição que alcançou. Certamente os nossos jovens de ambos os sexos não quererão desmentir os êxitos alcançados anteriormente e desejarão mostrar ao mundo inteiro que em Portugal a mocidade é capaz de algo. Ainda nos corre nas veias o sangue de nossos avós, dos que acompanharam o Infante, o Castro Forte e Albuquerque.

Mas o que é mais importante além do prémio a alcançar, é o significado deste concurso. Fazer cooperar os novos nos problemas da Humanidade a fim de lhes mostrar que só seguindo a Cristo terão a Salvação.

Deve-se este concurso à generosidade de M.me F. G. Van Loan que em lembrança e memória de seu marido estabeleceu um fundo para a sua realização.

ASSUNTO: Juniores: Que nos diz a Bíblia sobre a Fraternidade Universal?

Seniores: Como jovem, que poderei eu fazer de concreto pela Paz Mundial?

PRÉMIOS: Além dum diploma para todos os trabalhos enviados ao Júri Internacional e de uma mensão honrosa para todos os de valor médio, serão instituídos os seguintes prémios para os melhores trabalhos.

Categoria Júnior

Um primeiro prémio de.....	1.500$00
Um segundo prémio de	1.000$00
Dois terceiros prémios de	750$00
Dois quartos prémios de.....	500$00
Quatro quintos prémios de....	250$00
Seis sextos prémios de.....	125$00
50 medalhas de honra.	

Categoria Sénior

Um primeiro prémio de **5.000$00** a utilizar numa viagem ao estrangeiro	
Um segundo prémio de.....	1.000$00
Dois terceiros prémios de	750$00
Dois quartos prémios de	500$00
Quatro quintos prémios de	250$00
Seis sextos prémios de.....	125$00
50 medalhas de honra.	

(O dinheiro referido dependerá naturalmente do câmbio. O valor que se menciona é em relação ao câmbio actual).

Quem poderá concorrer? Os jovens de ambos os sexos, qualquer que seja a sua feição religiosa cristã, que satisfaçam as seguintes condições:

Categoria Júnior: Os que tiverem nascido antes de 1 de Janeiro de 1935 e depois de 31 de Dezembro de 1930.

Categoria Sénior: Os que tiverem nascido antes de 1 de Janeiro de 1931 e depois de 31 de Dezembro de 1926.

Apresentação dos manuscritos: a) Devem ser absolutamente inéditos e feitos sem o auxílio de qualquer outra pessoa, devendo o autor declarar isso mesmo do fim do seu trabalho, que não deve ter menos de 1.000 palavras nem mais de 2.200.

a) O trabalho deve ser assinado por um pseudónimo ou divisa devendo igualmente escrever-se a data do nascimento.

b) O mesmo pseudónimo ou divisa se escreverá num sobrescrito que dentro deve conter o nome do concorrente, sua morada e mais uma vez a data do nascimento.

c) Os manuscritos juntos com o sobrescrito lacrado, devem ser enviados ao secretário do júri nacional Dr. Leopoldo de Figueiredo. Calçada das Lages, 6—Lisboa, antes de 1 de Maio de 1948. É conveniente fazer o envio com aviso de recepção.

O júri nacional classificará os trabalhos e enviará depois os melhores ao júri internacional.

Distribuição de prémios: O nome dos premiados deve ser proclamado no Natal de 1948. Todos receberão os seus diplomas, e os que tiverem o seu prémio em dinheiro farão conhecer as suas intenções, se desejam receber o prémio em dinheiro, livros ou outra qualquer forma. O primeiro classificado da categoria sénior deverá consultar o secretariado de Genebra sobre a viagem que desejar fazer.

• • o • •

Disciplina-Subserviência

Por muito extraordinário que isso possa parecer, é facto que para espíritos mal prevenidos há virtudes que podem ser tomadas por vícios, ou certos vícios que podem ser confundidos com virtudes. Estão neste caso zelo e fanatismo, perseverança e teimosia, disciplina e subserviência.

Importa pois esclarecer bem o que é qualidade e defeito e, neste momento, vamos tentar distinguir bem disciplina *de* subserviência *onde a confusão é muito frequente.*

A disciplina é abnegada, serve em cumprimento do Dever. A subserviência é egoísta, serve para satisfação dos seus interesses. O disciplinado cumpre com sacrifício dos seus interesses e da sua vida; enquanto o subserviente cumpre para alcançar postos, benesses e favores.

A disciplina é inteligente, serve raciocinando, sabendo que é útil, e honesta. A subserviência é cega, faz tudo o que lhe mandam, não tem escrúpulos.

A disciplina apresenta-se de cabeça erguida; a subserviência de cabeça baixa. A disciplina é uma recta; a subserviência, uma curva.

A disciplina é corajosa e leal; a subserviência, cobarde e traiçoeira.

Enfim, a disciplina dignifica; a subserviência desonra. A disciplina serve sòmente causas nobres. É a única que convém a escoteiros. A subserviência serve interesses duvidosos, é imprópria de caracteres bem formados.

• • o • •

PUBLICAÇÕES

TOURING PLEIN-AIR

Acusamos a recepção e muito agradecemos desta interessante revista francesa de Campismo, suplemento à *Revue du Touring Club de France*, enviada pelo Sr. Adido de Imprensa da Legação de França.

De excelente aspecto gráfico, muito bem ilustrada, contém diversa colaboração técnica e noticiosa da modalidade.

II Exposição Fotográfica de Campismo

Organizada pela Secção de Campismo do Ateneu Comercial de Lisboa

A Secção Campista do Ateneu Comercial de Lisboa ao organizar a II Exposição Fotográfica e IV de Técnica de Material, fica de parabéns pela primorosa organização e sentido dinâmico que imprimiu a esta importante actividade de propaganda desportiva.

Sem sombra de dúvida, esta organização dos «acelistas» melhorou consideràvelmente em relação ao ano passado, notando-se agora, além de variadíssimo material de campismo, esqui, canoagem, caça, pesca desportiva, casas-abrigos e montanhismo, dos cartazes turísticos da Bélgica, França, Suíça, Holanda e Portugal, uma interessante colecção de insectos, trabalho primorosíssimo do distinto entomologista Sr. David da Fonseca, representando desta forma a parte cultural do desporto do ar livre.

Em aspecto geral a Exposição do Ateneu excede tudo quanto se tem feito entre nós, ainda que a colaboração ao concurso de fotografias tivesse obrigação de ser maior, amparando assim os profícuos esforços dos Campistas do A. C. L.

No concurso, destacaram-se: em «Campismo», «Jone»; em «Pesca Desportiva», A. Lyon de Castro; em «Vela», Fernando Mendes Leal; e em «Paisagem», João da Costa Leite, do Porto. Também se distinguiram, merecendo mensões honrosas: David da Fonseca, Carlos Capela, Vítor Barroso e Edmundo Sacadura.

* * *

Ao acto inaugural efectuado no passado dia 16, presidiu o inspector dos Desportos, Dr. Ayala Boto, em representação de S. Ex.ª o Director Geral dos Desportos. Era aguardado pelos Srs. Carlos Freire, Presidente da Federação de Campismo; Dr. Jorge Rebelo, Vice-Presidente da Direcção do Ateneu e Augusto Guimarães, Chaves Mendes, João Pereira, Baya dos Santos e Guilherme Ribeiro, dirigentes da Secção Campista, organizadora deste certame.

Antes da distribuição dos prémios, usaram da plavra os Srs. Dr. Jorge Rebelo, Dr. Ayala Boto e por fim o Presidente da Federação Campista, que enalteceram a obra realizada pelo Ateneu e as virtudes do desporto campista.

De seguida, aquele senhor Inspector inaugurou e visitou demoradamente a exposição, merecendo-lhe rasgados elogios quaisquer das secções que constituem as três salas da exposição.

À inauguração compareceram muitas senhoras, jornalistas, representantes das colectividades congéneres, e grande representação de campistas de Lisboa e arredores.

CARLOS FERNANDO GARCIA

• • o • •

O XXXV Aniversário do 2.º Grupo

Para comemorar o 35.º aniversário, o Grupo n.º 2 realizou no dia 1.º de Dezembro diversas actividades, de entre as quais destacamos uma romagem ao Cemitério Oriental em visita às campas dos escoteiros falecidos. Cerca das 13 horas, os escoteiros reuniram-se na sede da A. E. P., onde lhes foi servido um almoço.

À noite, efectuou-se uma pequena reunião, em que se leu o relatório de actividades e se entregou uma taça à patrulha vencedora do concurso interpatrulhas; foram também distribuídas medalhas, especialidades e outras insígnias escotistas. Na bandeira do Grupo foi aposta a estrela referente a mais um ano de actividade.

A seguir, realizou-se um chá de confraternização entre os escoteiros do Grupo.

O «*Sempre Pronto*» apresenta as suas felicitações ao «2», desejando-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Actividades do "Sempre Pronto„ em 1947

O nosso jornal desenvolveu em 1947 uma actividade interessante. Assim, em 11 de Janeiro, no Ateneu Comercial de Lisboa, efectuou uma sessão solene a que presidiu o Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, sendo orador o ilustre jornalista Sr. Belo Redondo, que proferiu uma conferência brilhante subordinada ao tema «Decisão — legenda da Vida, norma do Escotismo».

Esta sessão teve uma grande e escolhida assistência.

Em 3 do mesmo mês o «*Sempre Pronto*» patrocinou uma sessão cinematográfica de propaganda efectuada pelo Grupo n.º 6 em Olhão.

Em 25 de Fevereiro, no Ateneu Comercial de Lisboa, o nosso jornal comemorou o 90.º aniversário do nascimento do Fundador do Escotismo, Lorde Baden-Powell. Presidiu o Sr. Rev. Eduardo Moreira, antigo dirigente escotista, e o Sr. Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior disse uma interessante conferência sobre o tema «Baden-Powell — um dos grandes descobridores». A assistência era igualmente muito numerosa e selecta.

No dia 16 de Março o «*Sempre Pronto*» promoveu na Póvoa de Santa Iria uma sessão de propaganda dedicada ao Grupo n.º 8, em organização naquela localidade. Presidiu o Sr. Isidoro A. da Costa, vereador da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e foi orador o Sr. Engenheiro José Maria Nobre dos Santos, que focando o tema «O Escotismo—seu valor colectivo e individual» fez a apologia do escotismo como factor educativo das massas. A sessão foi seguida dum programa cinematográfico cedido pela VITÓRIA-FILMES.

Em Agosto, os três membros do Corpo Directivo do jornal deslocaram-se a França a fim de assistirem ao «Jamboree» e poderem dar aos nossos leitores uma boa notícia do acontecimento. Muito embora pagando todas as despesas do seu bolso particular, foram ali em serviço do «*Sempre Pronto*», tendo sido acolhidos com todas as atenções e facilidades para o bom desempenho da sua missão.

Em 22 de Novembro, de novo no Ateneu Comercial de Lisboa, realizou-se uma sessão de abertura da Exposição de Fotografias e Recordações do «Jamboree» Mundial da Paz. Presidiu, em representação do Sr. Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, o Sr. Tenente-Coronel José Ribeiro da Silva. O Sr. Dr. Leopoldo de Figueiredo fez uma sugestiva conferência acerca do «Jamboree», e foi muito aplaudido por numerosa assistência.

Inaugurou-se após a Exposição, que foi muito visitada.

Durante este ano efectuou-se ainda um Torneio Preparatório de Voleibol intergrupos de escoteiros.

Por aqui se verifica que o «*Sempre Pronto*» além da sua actividade jornalística, não perde oportunidade de realizar alguma coisa a bem do Escotismo.

DE ESCOTEIRO PARA ESCOTEIRO

CONTINUIDADE ESCOTISTA

Todo o ciclo educativo se encontra submetido a um processo de continuidade de que depende, em grande parte, o seu êxito, posto que nenhum sistema é capaz de transformar ou melhorar a humanidade sem a ajuda do tempo.

O Escotismo não escapa a esta lei geral. Por ele B.P., conforme vai observando os resultados de sua maravilhosa experiência de Brownsea, acrescenta novos ramos à árvore escotista, que permitem prolongar o tempo em que o rapaz se acha submetido à influência directa do método por ele ideado. Brotam assim os Lobitos, os Seniores e outras secções de que agora não nos ocuparemos.

O Movimento vive uma época na qual se afirma que «não há Grupo se não houver Lobitos», fazendo-se doutrina em que os Lobitos constituem o melhor viveiro de Escoteiros, que o ideal é que a vida escotista se inicie como Lobito, para terminar aos 18 ou 19 anos, idade em que se considera o jovem bem preparado para enfrentar a vida. O Escotismo consegue bons cidadãos, homens probos que triunfam em todas as actividades e que sempre recordam com carinho os caminhos percorridos com a vara na mão, porém ao atingir os 18-19 anos, corta a continuidade escotista e contribui para tornar mais agudo o problema básico do Movimento em todos os tempos: a falta de dirigentes. Porque quando os dirigidos podem assumir a papel de dirigentes, o Regulamento corta a sua marcha e desperdiça a sua valiosa ajuda.

Para obviar este inconveniente e tapar a brecha por onde sangrava o Escotismo, B. P. criou o ramo dos Seniores *(Rovers)*, instituindo assim a melhor reserva de dirigentes com que o Movimento conta.

A última guerra ceifou as vidas de muitos Escoteiros-Seniores, imolados no altar da Pátria, e hoje, quando as gentes assombradas de não ouvir já o galopar dos Cavaleiros do Apocalipse, fixam os olhos esperançados na Lís Escotista, como promessa de uma juventude de Paz, notam-se mais os claros abertos pela metralha nos Clãs Seniores, porque as associações que ressurgem de entre as ruínas, necessitam angustiosamente do trabalho tenaz e entusiasta de Instrutores práticos, conhecedores e com forte espírito *poweliano*.

Como noutros tempos se gritou — mais lobitos! —, hoje o grito em muitas nações deve ser — mais Seniores!

* * *

«Lobo Velho» no «*Sempre Pronto*» de Outubro, fala da «total paralisação do Movimento Escotista», e aconselha, acertadamente, a estimular a actividade dos Grupos mediante constantes concursos entre as Patrulhas.

Não quero crer nessa total paralisação a que alude meu irmão «Lobo Velho». Quero pensar que se trata só de casos esporádicos naqueles Grupos dirigidos pelo que nós chamamos «Chefes de Clube» e que não contam com Seniores. Porque onde há um Chefe de calção curto e mochila às costas, de «Scouting for Boys» no bolso e botas ferradas, não pode paralisar o Grupo. E muito menos ainda onde funcione um Clã de Seniores autênticos, Seniores activos com o SERVIR e o SEMPRE ÚTIL metidos no coração.

Tenho fé absoluta nos meus companheiros de escalpes tricolores. Por isso, ao conselho de «Lobo Velho» uno o meu: Atendei à continuidade escotista cuidando da formação dos Clãs Seniores, que eles serão os melhores jardineiros do jardim escotista.

* * *

Não quero pensar que em Portugal, essa doce terra que considero o prolongamento da minha própria Pátria, os Seniores permitam languidez na vida de qualquer Grupo de Escoteiros.

Se há algum que tal faça, que arroje ao fogo o seu penacho de penas de águia e que não se chame guerreiro escotista.

Madrid, Outubro de 1947.

ENRIQUE GENOVÉS

Da Póvoa de Santa Iria

Um melhoramento

O nosso estimado amigo Sr. Francisco Guedes inaugurou no passado dia 1 de Novembro o seu bom cinema nesta localidade, com uma sessão durante a qual discursaram os Srs. Isidoro Costa, em representação do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Carlos Pereira Dantas, e outros elementos de destaque que puseram em relevo o espírito de iniciativa e perseverança do promotor do novo melhoramento.

O «*Sempre Pronto*» agradece o amável convite dirigido ao seu representante na Póvoa.

ENTRONCAMENTO

INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE

O Grupo n.º 84 do Entroncamento inaugurou a sua nova sede no passado dia 1 de Dezembro. O «*Sempre Pronto*» não podia estar ausente de tal acontecimento não só porque o 84 é um grupo merecedor de toda a simpatia, como é um dos bons colaboradores do nosso jornal. Connosco estiveram no Entroncamento os Chefes Mário Fernandes, do Grupo 5, acompanhado de cinco escoteiros; Carlos Mexia, do Grupo 7; Aires Dinis, do Grupo 8; Eng.º Brotas Cardoso, do Grupo 16; Capitolino Ferreira Macedo, do Grupo 94, acompanhado de três escoteiros; o nosso camarada Alberto Brás e Henrique de Azevedo, representando a A. E. P.

O temporal prejudicou muito as comemorações, impedindo a ida àquela localidade de outros representantes dos grupos de Lisboa, que, no entanto, enviaram cartas e telegramas de saudação.

No dia 30 à noite, efectuou-se um interessante Fogo de Conselho, durante o qual foi apresentada a Orquestra Flor de Lis, uma nova realização do Grupo 84. Foram apresentadas diversas canções pelo 84 e pelo 5, e diversos episódios por escoteiros dos Grupos 84 e 94. Todos os números foram premiados com muitos aplausos pela assistência numerosa, se atendermos ao mau estado do tempo.

No dia 1.º de Dezembro, bem de madrugada, a Banda percorreu as ruas da Vila ao som do Hino da Restauração, ao mesmo tempo que subiam ao ar muitos foguetes.

Às 9 horas, todo o Grupo formou em frente da Câmara Municipal onde hasteou a bandeira nacional enquanto a Banda executava a «Portuguesa». Após isto foi içada a bandeira do Grupo na respectiva sede.



O Grupo n.º 84 do Entroncamento acompanhado do Regente da sua Banda

O ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Às 14 horas, no edifício do Refeitório dos Indigentes, sobre a presidência do Sr. José Duarte Coelho, digno Presidente da Câmara Municipal do Entroncamento e do Grupo 84, efectuou-se um almoço de confraternização no qual tomaram parte todos os escoteiros do 84 e escoteiros visitantes, almoço que decorreu na maior intimidade.

O CORTEJO

Às 15 horas, reuniram-se no Largo da Estação as colectividades locais acompanhadas de seus estandartes e o Grupo 84 com a sua Banda, iniciando-se o desfile até à sede do Grupo, onde o Sr. José Duarte Coelho cortou a fita simbólica e inaugurou a Sede.

A SESSÃO SOLENE

A sessão solene que se realizou imediatamente teve uma selecta assistência. O Sr. José Duarte Coelho usou da palavra para manifestar a sua satisfação pelo novo melhoramento, seguindo-se no uso da palavra os Srs. Eng.º Brotas Cardoso, Henrique de Azevedo, que apresentou saudações do Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Mário Fernandes e Aires Dinis.

Disbribuiram-se diversas insígnias de classe e aptidão e prestaram Compromisso de Honra três novos escoteiros. O Escoteiro João Godinho, um dos elementos dedicados do 84, foi condecorado com a medalha de abnegação por ter oferecido o seu sangue para salvar uma vida.

Procedeu-se depois ao descerramento de uma placa de mármore de homenagem ao Presidente do Grupo, Sr. José Duarte Coelho, cujos serviços prestados ao 84 foram postos em merecido relevo pelo Chefe João Amorim. Aquele, surpreendido pela homenagem, agradeceu muito sensibilizado.

Foram descerradas as fotografias de dois escoteiros do Grupo, falecidos em serviço ferroviário: António Ernesto David, e Manuel Cipriano, este corajosamente no seu posto quando do choque do Lusitânia-Expresso com um comboio de mercadorias na estação do Crato. Momento emocionante, que foi seguido de dois minutos de silêncio.

A sessão prosseguiu tendo sido colocada a nova estrela de serviço na bandeira do Grupo, cerimónia seguida de muitos aplausos.

Então, o Director do nosso jornal foi convidado a proceder à distribuição dos prémios do Concurso de 1946 do «*Sempre Pronto*» e fê-lo sòmente depois de ter prestado homenagem aos dirigentes do 84, cujos serviços pôs em evidência, tendo agradecido a colaboração preciosa que este Grupo presta ao jornal.

E assim terminou esta festa do Grupo 84, durante a qual os nossos camaradas do Entroncamento cumularam de gentilezas os escoteiros que os visitavam. É encantador conviver com os escoteiros deste Grupo pelo espírito de amizade e boa camaradagem que irradiam.

O «*Sempre Pronto*» cumpre um dever felicitando o Presidente do Grupo, Sr. José Duarte Coelho e o Chefe Sr. João Amorim, pela obra escotista que vêm realizando, abrangendo nesta saudação o Sub-chefe do Grupo e Delegado do nosso jornal Sr. Aníbal Horta, o nosso sub-delegado Luís Máximo de Oliveira e todos os irmãos-escoteiros do 84.

Spril

ARTIGOS DE SPORT E JOGOS

•

Rua do Loreto, 34, 2.º

Telefone 2 2797

LISBOA

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Considerações acerca do Censo Escotista de 1947

As estatísticas são interessantes mas, por vezes, levam-nos a tirar conclusões sem relacionar o factor quantitativo da população a que dizem respeito. Na seguinte análise dos dois aspectos do Censo de Escoteiros filiados referentes aos países registados no *Bureau*, não se tem por finalidade sugerir erróneas comparações ou desculpar aqueles países em que o número de escoteiros tem diminuído. Pensamos, portanto, que poderemos obter um melhor quadro do Escotismo Mundial desta forma, do que dando os simples totais.

Examinaremos dois pontos:

1) A proporção entre Dirigentes e Escoteiros (incluindo neste termo Lobitos, Juniores e Seniores);

2) A proporção entre o total de filiados (ou seja, Dirigentes e Escoteiros) e as populações.

Alguns países não foram incluídos nesta análise, omitimos aqueles que não forneceram os números do Censo depois de 1939, e aqueles países onde o Escotismo interrompeu a actividade ou onde as condições políticas não têm ainda dado tempo para se restabelecerem completamente. Deverá ser também notado que a «Grã-Bretanha» aqui significa o «Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte», e portanto não inclui os Domínios (apontados em separado) ou possessões coloniais, etc. Por «França» se entenderá, da mesma maneira, «França Metropolitana».

Os números da população usados para estes cálculos são tomados em *The Statesman's Year Book* (Londres, 1947) e são considerados como números de confiança.

Uma comparação dos totais de 1939 e 1947 dá o seguinte resultado para o total de escoteiros no mundo:

Aumentos: Lobitos 77 %; Juniores 3 ½ %; Dirigentes 50 %. Média de aumento—33 %.

Decrescimento: Escoteiros marítimos 40 %; Seniores 5 %.

Na seguinte lista, a Coluna A dá o número de Escoteiros por cada Dirigente. Com efeito esta distinção não é uniforme porque em alguns países o termo Dirigente é usado não só para os Chefes que instruem directamente os rapazes, mas também para membros de Associações Regionais, membros de Direcções, etc. (Isto sublinha a necessidade do maior cuidado nas comparações feitas).

A coluna B dá o número da

população por cada membro da Associação Escotista (isto é, Dirigentes mais Escoteiros).

	A Um Dirigente por X Escoteiros	B Um Escoteiro por X pessoas
África do Sul	13 1/2	447
Argélia	7	1.234
Argentina	6	1.372
Austrália	11	166
Bélgica	6	157
Canadá	11	116
Checoslováquia	18	201
Chile	4 1/2	313
Costa Rica	7	785
Cuba	15	2.280
Dinamarca	15	110
Egipto	15	2.202
E. U. A.	3	68
Filipinas	6 1/2	2.276
Finlândia	11	226
França	12	200
Grã-Bretanha	17	101
Guatemala	18	4.631
Haiti	9	3.798
Holanda	8	83
Islândia	8	62
Listenstaina	10	26
Luxemburgo	7	38
México	16	4.710
Nicarágua	18	1.480
Noruega	10	138
Nova Zelândia	15	72
Peru	9	3.774
Portugal	5 1/2	3.079
S. Salvador	17	3.726
Suécia	6	130 1/2
Suíça	8	170
Venezuela	18	793

Tradução de «*Jamboree*», revista mundial de Escotismo.

Delegação no Norte

O nosso estimado amigo e Delegado do «*Sempre Pronto*» no Norte, Sr. Arnaldo Eduardo Couto, comunicou-nos que em virtude das suas muitas ocupações não lhe era possível continuar no desempenho do seu cargo, do qual se retirava com pesar e pedia-nos a sua substituição depois de ter já, com louvável zelo, procurado o seu substituto, cujo nome nos propunha.

Lamentamos a saída deste nosso colaborador, mas não podemos deixar de aceitar as imperiosas razões que a isso o forçam e justificam a sua atitude, tanto mais que sabemos que o Chefe Couto continuará cooperando no nosso trabalho, dentro das suas possibilidades.

Por isso aceitámos a sua demissão e cumpre-nos manifestar o nosso reconhecimento pelo zelo, esforço e boa vontade com que sempre desempenhou o seu cargo, reconhecimento extensivo ao seu Adjunto, o nosso amigo Guia Manuel Fernandes Moreira.

Assume o cargo de Delegado do «*Sempre Pronto*» no Norte o nosso camarada Vidal Vieira dos Santos, Chefe dedicado do Grupo n.º 15, a quem apresentamos as boas vindas, certos de que o nosso jornal muito tem a esperar das suas qualidades de trabalho e comprovada dedicação pelo Escotismo.



O GALO

Um galo!... Os olhos de Lewis ficaram cheios de assombro. Seria possível? Era verdade; ali, para lá dos arames farpados, dono e senhor da «terra de ninguém» estava um formoso galo. Um galo magnífico, de penas douradas, movia graciosamente a cabeça, ora para um lado, ora para o outro, como se estivesse a escutar...

Depois duma noite passada em contínua escaramuça, com «os da frente», as primeiras luzes do dia tinham trazido um pouco de calma, que se espreguiçava no ar tranquilo da manhã, qual símbolo doutros tempos melhores. O soldado Lewis, saiu da trincheira para respirar aquele ar puro que dilatava o coração, enchendo-o de belas promessas. Foi neste momento que ele viu um galo.

Para a direita, no sítio da povoação, divisavam-se umas ruínas fumegantes. «Aquilo» não podia ter vindo doutro lado. Sem dúvida que era ele o único sobrevivente.

Ràpidamente, entrou na trincheira. — Eh! Bruzos! Acorda! lá fora está um galo!

—Eh!... que dizes? Um galo? Isso quer dizer comida! Boa comida! Oh!...

Saíram. Lewis levava na mão um bom bocado de pão valentemente sacrificado à sua ração. Entre os dedos índice e polegar, começaram a fazer umas bolinhas com o miolo.

Às galinhas dizia-se pia, pia, pia... e a este convinha dizer, pio, pio, pio... E com o mais doce dos seus vozeirões, Bruzos começou:— Pio, pio... anda cá... toma uns miolinhos... pio, pio...

O galo aproximava-se muito graciosamente sem deixar de mover a cabeça dum lado para o outro. Às vezes, conservava uma das patas no ar, sem se resolver a pousá-la no chão, o que fazia perder a paciência a Bruzos.

—Pio, pio... meu pequenino... toma miolinhos!...

O galo já depenicava os bocadinhos do miolo do pão, que estavam mais perto dele e estendia o pescoço para apanhar os que estavam mais longe; numa destas ocasiões... zás!

Bateu as asas e cacarejou durante uns momentos, mas logo, em face do inevitável, o galo calou-se filosòficamente. A voz de Bruzos tremeu com emoção.

—Temos que o atar, Lewis! Bem seguro para que não fuja.—Amarraram-no, conscienciosamente, pelas patas, a um pau entalado entre uns sacos cheios de terra, e entraram na trincheira. Tinham tanto que fazer!... Primeiro, acender uma fogueira e pôr sobre as chamas aquela lata de conservas já vazia, bem cheia de água. Enquanto Lewis se ocupava destas coisas, e Bruzos, sentado no chão, afiava, mais e melhor, a sua navalha, numa pedra, um potente Kikiriki!... veio interrompê-los.

Lewis, deitou a cabeça fora da trincheira. O galo cantava. Cantava, e o seu canto abafou por uns momentos o matraquear antipático duma metralhadora longínqua.

Kikiriki! As notas elevavam-se claras, altas, límpidas, na paz mentida da manhã. Rodavam umas atrás das outras pelos prados em flor; chegavam até às montanhas azuis, e o eco devolvia-as muito ao longe, amortecidas...

—Bruzos... (Lewis tinha a voz um pouco enrouquecida), não te recorda qualquer coisa, tudo isto?

Bruzos, com o cotovelo do braço esquerdo apoiado no joelho e o queixo na palma da mão, fez um sinal afirmativo.

—Sim, claro que sim. Há muito, muito tempo... na minha casa, os galos cantavam assim: sobretudo em manhãs como esta.

Lewis voltou-se lentamente, tirou a água do lume, e pausadamente, começou a encher de tabaco o seu cachimbo... Bruzos, fechou a navalha que tinha deixado a um lado e com tremores infantis na voz, disse:

—Temos que ir pensando em fazer uma capoeira. Oh! vai ser uma mascote original!...

Lá fora, o galo, preso à corda, continuava a cantar, a cantar... ignorante de que desta vez, ele próprio tinha salvo a vida.

LORETO AZPEITIA

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suiço, R. Primeiro de Dezembro.
Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.
Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.

O CONCURSO DE 1947

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração: Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O *«Sempre Pronto»* oferece aos seus leitores um interessante Concurso, pelo qual se fará uma rápida digressão pela História Pátria. Não deixe, pois, de concorrer, habilitando-se aos prémios valiosos que serão sorteados entre todos os concorrentes que tenham acertado com todas as soluções.

Para concorrer basta responder às perguntas feitas em cada número utilizando o verbete inserto neste suplemento, que deve ser enviado à Redacção dentro de 60 dias após a publicação.

Os concorrentes podem indicar o número do Grupo da sua simpatia ou a que pertençam, que ficará assim habilitado aos prémios colectivos que serão atribuídos àqueles que tiverem maior número de concorrentes e pelo menos 10.

O Concurso termina no fim da ano corrente.

PRÉMIOS

COLECTIVOS

1.º PRÉMIO—CASA «STADIUM»

1 bola de voleibol oferta da reputada Casa «Stadium» fornecedora de todos os artigos para Desportos. Rua da Madalena, 182-A.—Lisboa.

2.º PRÉMIO—«SPRIL»

1 jogo Monopólio, oferecido pela reputada Casa «SPRIL» da Rua do Loreto, 34, 2.º, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos desportivos e de jogos.

3.º PRÉMIO—«CASA DO DESPORTO»

1 raqueta e 6 bolas para ténis de mesa. Oferta do estabelecimento da Rua da Madalena, n.º 196, em Lisboa, fornecedora de artigos para Desporto.

4.º PRÉMIO «CASA SENA»

1 balde de lona para água oferecido pela conhecida casa de artigos desportivos e de campismo «Sena». Rua Nova do Almada, 48 a 52—Lisboa.

5.º PRÉMIO—Um exemplar da obra «Guia do Escoteiro» de Velho Lobo, oferta do nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca.

INDIVIDUAIS

Prémio "VIEIRA CAMPOS„



Um óptimo saco alpino com armação, fabrico esmerado da importante casa de artigos de campismo «Vieira Campos» Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa.

PRÉMIO «CASA PEYROTEO»

Uma linda estatueta de bronze, com base de mármore, de um cavaleiro lançando o dardo. Oferta da conceituada casa de artigos para Desporto e jogos «Peyroteo», Rua Nova do Almada, n.º 51—Lisboa.

2 PRÉMIOS «ANTERO LOPES, L.DA»

2 facas de mato suecas, oferta da Casa Antero Lopes, L.da, fornecedora conceituada de artigos para caça e campo, Rua de Eugénio dos Santos, n.º 31, em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»

1 cantil de esmalte, oferecido pelo estabelecimento de correeiro e artigos para campismo, da Rua dos Correeiros, n.º 200 e 202, em Lisboa.

PRÉMIO «PAPELARIA DA MODA»

Uma faca para cortar papel e um marcador para livros, com artística gravação, oferta da importante Papelaria da Moda—Rua Áurea, 169—Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA»

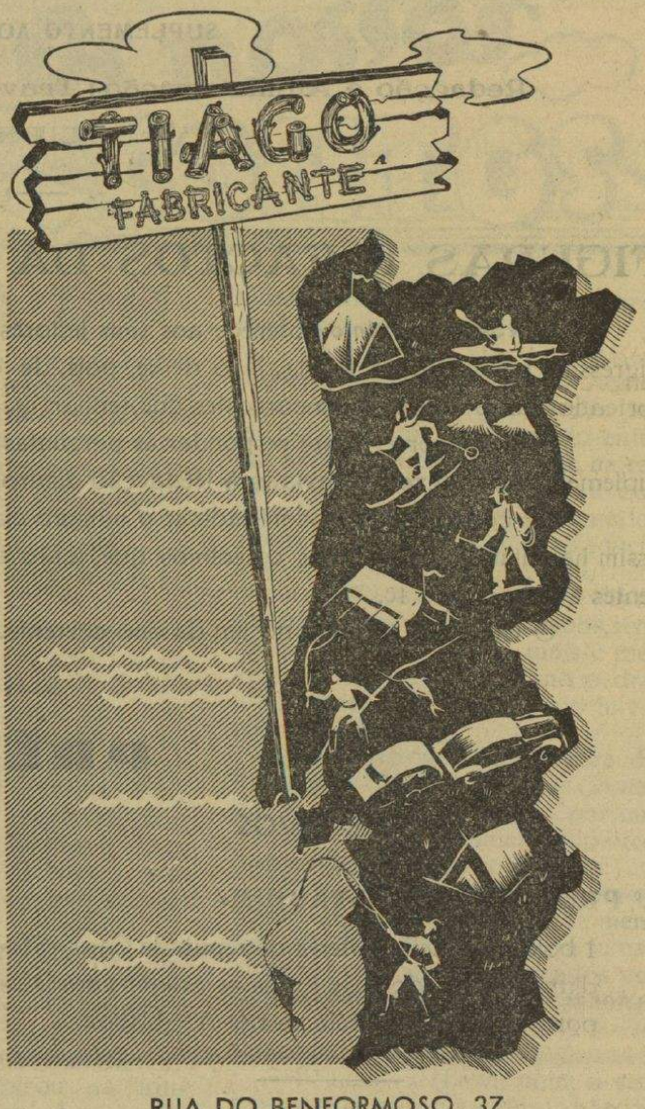
Cinco exemplares da obra «Guia do Campista», de Chaves Mendes. O mais completo manual de campismo publicado em Portugal. Rua de Luz Soriano, 33—Lisboa.

PRÉMIO «BERTRAND»

A obra de Júlio Dinis «Uma Família Inglesa», em dois volumes ilustrados, oferta da Livraria Bertrand, da Rua de Garrett, 74—Lisboa.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da»

1 bússola de bolso, oferta desta conceituada casa. Rua de Eugénio dos Santos, 75—Lisboa.



RUA DO BENFORMOSO, 37
LISBOA TELEF. 31318

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia....	»	10$00
1 cento....	»	60$00

Estampa com a fotografia de Baden-Powell 1$00

Pedidos à Redacção

CONCURSO DE 1947

Figuras e Factos da História de Portugal

Reposta ao episódio N.º .....

a) .....

.....

.....

b) .....

.....

.....

Nome do concorrente .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Grupo n.º .....

Assinatura

.....

Recorte, preencha e remeta à Redacção do «Sempre Pronto».

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Primeiros socorros

CORPO HUMANO

(Continuação do n.º 32)

Sistema Circulatório

Por intermédio deste sistema o sangue circula, leva o oxigénio que vai alimentar as diferentes partes do corpo e transporta os resíduos aos órgãos encarregados de purificá-los e eliminá-los.

Os órgãos de circulação são:

O Coração — Que é uma massa muscular oca, que desempenha o papel de bomba aspirante-premente, colocada entre os dois pulmões com a ponta para baixo e à esquerda.

O coração está dividido em duas metades que não comunicam entre si, e cada uma destas está dividida numa aurícula e num ventrículo. O orifício entre uma aurícula e um ventrículo tem uma válvula; cada vez que o coração se contrai as duas aurículas contraem-se e enviam o sangue aos dois ventrículos. Os ventrículos contraem-se em seguida e enviam o sangue para fora do coração. As válvulas evitam que o sangue volte às aurículas quando os ventrículos se contraem: a esquerda é a mitral; a direita a prícúspide.

As artérias — De paredes grossas, são canais fortes que conduzem o sangue do coração ao corpo: Ramificam-se e fazem-se mais pequenos à medida que se afastam do tronco principal, subdividindo-se em pequenos vasos de paredes muito delgadas, chamados capilares.

Capilares — Traço de união entre as terminações arteriais e venosas, permitem a passagem do oxigénio (recolhido nos pulmões) de que vai carregado o sangue e dos elementos nutritivos recolhidos no aparelho digestivo. Estes passam do sangue aos tecidos do corpo para nutri-lo. Os resíduos e impurezas dos tecidos passam também ao sangue e são levados de volta pelas veias.

As veias — São canais de paredes delgadas que começam nos capilares, diminuem em número e aumentam em tamanho à medida que se aproximam das aurículas. Nas veias há pequenas válvulas que impedem que o sangue volva atrás em direcção contrária.

O sangue — Compõe-se de duas partes:

1 — *A parte sólida* — Formada pelos glóbulos sanguíneos: vermelhos e brancos.

a) *Glóbulos vermelhos* — Que são os que transportam o oxigénio e dão cor ao sangue. Encontram-se na proporção de 5 milhões por mm².

b) *Glóbulos brancos* (leucócitos) — De 6 a 7 mil por mm². Actuam englobando e dirigindo os gérmens produtores da infecção, que não se produz, se os leucócitos vencerem na luta entabolada em defesa do organismo.

2 — *A parte líquida* (plasma sanguíneo) — É um líquido claro amarelado, que leva os glóbulos em suspensão.

De «*El Scout Argentino*»

(Continua no próximo número)

A Cozinha do Acampamento

(Continuação da n.º 32)

Fogões de Petróleo

Depois de apreciadas as vantagens e as tradições que tornam as fogueiras mais aconselháveis na maior parte das vezes, e os casos especiais em que o uso dos fogões de petróleo é conveniente, iremos agora fazer algumas considerações sobre a utilização destes últimos.

Apesar de poder ser usado qualquer modelo vulgar de fogão, há à venda modelos especiais para a prática de campismo e actividades semelhantes, desmontáveis, cujos mais conhecidos são os «*Primus*». As peças são guardadas numa caixa-estojo e fàcilmente armadas na ocasião necessária.

Caso seja utilizado um fogão de uso doméstico, deve ser defendido dos ventos, improvisando-se um pára-ventos com qualquer material que se tenha à mão. Quando o seu uso seja frequente, pode fazer-se um pára-ventos de pano forte ou qualquer outro material, convindo que seja o mais leve possível.

O fogão de petróleo, apesar de ser relativamente económico e pouco perigoso, requer vigilância quando a funcionar e entope-se fàcilmente, pelo que se deve conservar cuidadosamente limpo.

Outros fogões

a) *De alcool.* — Estes fogões ou lamparinas só convêm em acampamentos ou bivaques de reduzido número de escoteiros e para aquecimentos ligeiros. Há modelos diversos, alguns mais aperfeiçoados, que permitem a regularização da intensidade da chama. Têm as vantagens de poderem ser empregados ràpidamente, simples de manejar e leves. Porém, o combustível caro e de consumo elevado, contra-indicam-nos.

b) *De gasolina.* — Apesar da rapidez com que se pode preparar a comida, utilizando este combustível, não deve ser usado, em virtude do perigo de incêndio a que se está exposto, especialmente quando não se tem ainda prática em usá-lo.

O fogão para este combustível, possui um regulador para a intensidade calorífera. Para se pôr a funcionar, aquece-se o depósito, apertando-o entre as mãos durante alguns momentos, chegando um fósforo à cabeça, logo a seguir.

Se, por um lado, apresenta vantagens no seu uso, tais como peso leve e calor regulável, em oposição tem os inconvenientes do preço elevado da gasolina e perigo de inflamação.

Devem observar-se algumas precauções, como a de não encher o depósito ainda quente, não aproximar lume na ocasião do enchimento, não deixar recipientes de gasolina, cheios, ao Sol e não aproximar alcool. Se se cozinhar dentro da barraca, esta deve ser bem arejada, a fim de se expulsar gases emitidos pela combustão. Em caso de incêndio dentro da tenda, o fogão deve ser projectado para fora, com pontapé forte. No exterior, basta cobri-lo com areia ou terra ou, ainda, com um pano de lã velho.

c) *De acetilene.* — Para usar este gás, há uns modelos especiais de fogões, constituídos por um gasómetro vulgar, a que estão ligados um ou dois bicos de gás usuais, por meio de tubos de borracha. Este fogão tem grandes vantagens, pois é de simples manejo e bastante económico. Utilizando o gasómetro, pode-se ainda fazer uma instalação para iluminar o acampamento.

* * *

Para transportar estes combustíveis, excepto o acetilene, devem os campistas possuir um recipiente de alumínio, bem rolhado, tomando cuidado de não os aproximar dos víveres, aos quais comunicaria sabor desagradável.

J. R.

(Continua)

O "rapto" do Chefe

Um jogo executado pelo Grupo n.º 6

Em 11 de Outubro passado, realizou-se mais um interessante exercício nocturno, no qual colaboraram as Patrulhas «Galo» e «Andorinha» (atacantes) e as Patrulhas «Águia» e «Tigre» (defensores).

Os «atacantes» foram avisados para comparecer na Sede às 21 horas, onde deveriam procurar uma mensagem escondida na Sala das Reuniões, sabia-se lá onde... No entanto, após 5 minutos de pesquizas, encontrou-se a célebre mensagem, escrita em Morse. Dizia para se dirigirem a toda a velocidade para a Ponte de Bela Mandil, onde deveriam receber nova mensagem em Morse, desta vez por luz. Ofegando, ràpida-

mente chegaram à Ponte e receberam a mensagem, que dizia para salvarem o Chefe e alguns camaradas que tinham sido «raptados» e levados pelo caminho NW do Pinhal.

Para lá se dirigiram e, uma vez chegados ao Pinhal, abriram-se em linha para procurar o Chefe e os camaradas. Era preciso, porém, caminhar com inúmeras precauções, pois sabiam que os «raptados» estavam guardados por «defensores» que eram, afinal, «bandidos» e os podiam «matar» desde que lhes tocassem com as «balas» ou até com as próprias mãos.

É certo que os «atacantes» podiam da mesma maneira «matar» os «defensores», mas isto era mais difícil, pois estes estavam fixos, escondidos, e os «atacantes» tinham que chegar ao pé dos «raptados» para os salvarem.

Nesta altura ouviram uns gemidos que lhes deram a direcção onde se deveriam encontrar os «raptados». Com mil precauções, ganhando o terreno palmo a palmo, foram-se aproximando do local onde tinham ouvido os tais «gemidos». A certa altura, distinguiram uma mancha clara no terreno e perceberam então, apesar de ter em cima uns chapéus de escoteiro para «camuflar», que era uma tenda onde os «raptados» estavam escondidos, todavia guardados pelos «defensores».

Começou então o «tiroteio»... Dos «atacantes» apenas um conseguiu entrar, são e salvo, na tenda. Os outros, ou estavam «fora de combate» ou procuravam alcançar a tenda, rastejando sem fazer o menor ruído.

Como a hora era já adiantada e os «raptados» só seriam salvos se entrassem, pelo menos, três «atacantes» na tenda, o jogo foi dado por interrompido. Todavia havia «feridos», a quem foi preciso fazer os respectivos «pensos». No final, os «raptados» foram libertados e os «defensores» e «atacantes» ficaram todos amigos.

EGAS FELIZ

■

Insígnias de aptidão

EXPLORADOR

Para escoteiros com menos de 15 anos de idade.

Insígnia: Uma fogueira simbólica.

1. Construir um abrigo satisfatório para duas pessoas, servindo-se de materiais de campo e dormindo nele, só ou com outro escoteiro, durante pelo menos uma noite.

2. Esfolar e cozinhar um coelho (sem utensílios), ou cozinhar no barro uma ave tão grande como um pombo, pelo menos.

3. Demonstrar três dos seguintes pontos:

a) Métodos improvisados de condução de pessoas feridas, tendo em devida consideração a sua segurança e conforto.

b) Trepar a uma árvore até à altura mínima de 6 metros e estabelecer no alto um posto de observação.

c) Conduzir, remando, um bote, uma canoa ou uma chata até meia milha, pelo menos.

d) Construir um relógio de Sol. Servir-se de um relógio ou de uma bússola para encontrar o Norte Geográfico.

e) Fazer a demonstração de algus métodos de purificação de águas contaminadas, e de filtragem de água barrenta.

PIONEIRO

Para escoteiros com mais de 15 anos.

Insígnia: Uma paisagem de campo.

1. Prestar ou ter prestado as provas da insígnia de explorador (para escoteiros com menos de 15 anos).

2. Ter um completo conhecimento da vida no campo, saber equipar e montar um acampamento, dotá-lo dos requisitos necessários; e saber conservar o respectivo material e reparar uma tenda. Conhecer as precauções a tomar na utilização das águas. Ter atingido uma alta eficiência na factura de nós e laços.

3. Tomar a seu cargo ou dirigir a construção de três estruturas de diferentes tipos, por exemplo, uma jangada, uma ponte e um mastro de bandeira.

4. Construir uma cozinha de campo.

5. Preparar uma refeição para si e para um companheiro, consistindo pelo menos, de carne, de duas hortaliças e pão, não usando utensílios, mas sòmente processos de explorador.

6. Provar a sua habilidade em se orientar sòzinho através de uma região desconhecida, não usando estradas, nem mapas e sem fazer perguntas, até a um ponto invisível de sua escolha:

a) Usando a bússola e de dia, a uma distância de não menos de 2 milhas;

b) Sem usar a bússola e de noite, orientando-se pelas estrelas, a uma distância de não menos de uma milha.

CAMPISMO

Conclusões acerca dum reparo da Federação Portuguesa de Campismo

Em número transacto, o nosso Redactor-campista, fazendo-se eco de conversas tidas com dirigentes de núcleos campistas, referia-se ao «*acentuado desinteresse pelo progresso da modalidade*» manifestado por aqueles dirigentes e a «*exigências impostas pelos elementos directivos do Movimento, exigências que segundo dizem, são incompatíveis e inúteis*».

A Federação Portuguesa de Campismo não gostou destas afirmações e escreveu uma extensa carta que publicámos na íntegra no nosso n.º 30, carta a que retorquiu o nosso Redactor no n.º 31, procurando comprovar com o depoimento de dois núcleos que, de facto, havia o descontentamento assinalado.

A F. P. C., em carta de 21 de Novembro p. p., voltou ao assunto, contestando a afirmação de que o Grupo Estrela e a Secção Campista de «Os Carlos» totalizassem quase tantos campistas como os 32 núcleos filiados. Muito embora nos prometesse que não voltava ao assunto, verificámos que esta carta não só não contribuia para o esclarecimento das afirmações que motivaram o seu reparo inicial, como iria prolongar uma polémica que nos não interessa.

Resolvemos por isso sugerir à F. P. C. que enviasse uma nota tão sucinta quanto possível das condições exigidas para a filiação de Núcleos, nota que publicaríamos, ficando assim os nossos leitores devidamente esclarecidos, o que desejamos.

A F. P. C. não concordou com a nossa sugestão por julgar *impróprio deslocar para as colunas do «Sempre Pronto» questões de organização do* seu *Movimento, que estão a ser debatidas no* seu *jornal Campismo*, e atendendo a que, conforme lhes dissemos, não estávamos ao corrente dos seus problemas, dava para nosso uso pessoal, gentileza que muito agradecemos, diversos esclarecimentos e enviava-nos o seu órgão com o Regulamento transitòriamente em vigor.

Não nos interessava sermos nós a evidenciar o que nos parece poderem ser as tais «exigências», e por isso tivemos de nos voltar para o nosso Redactor para que ele nos desse os apontamentos necessários com vista a pôr *ponto final* no assunto.

E, portanto, para elucidação dos nossos prezados leitores, especialmente daqueles que se interessam pelo Campismo, aqui especificamos as referidas «exigências» que parecem provocar o «desinteresse pelo progresso da modalidade»:

a) *Que o limite máximo para a constituição dum Núcleo campista seja de 20 associados, privando assim alguns Núcleos de poderem ter associados elementos que desejariam trabalhar em conjunto.*

b) *Que os Estatutos dos Núcleos tenham de ser elaborados pela Federação, privando aqueles de organizarem os Regulamentos segundo os seus desejos ou finalidades, muito embora submetidos a um plano prèviamente traçado e depois aprovados pela mesma Federação.*

c) *Que a contribuição dos Núcleos para a Federação seja de 1$50 por cada associado, quantia quase unânimente considerada exagerada, levando os núcleos a filiarem só parte dos seus membros. Esta contribuição é ainda agravada com o pagamento anual de 5$00 para obter a carta campista.*

Ouvidas as informações do nosso Redactor, devemos fazer justiça num ponto à F. P. C.: As bases que estão presentemente em vigor devem ser discutidas, aprovadas ou modificadas no próximo Congresso. Portanto, será aí ocasião de debater estes assuntos. Porém, parece-nos que a Federação deveria proporcionar oportunidade de ali se fazerem representar todos os organismos campistas idóneos e não sòmente aqueles que se filiaram.

Muito embora o que se escreve nesta Secção assinado pelo seu Redactor seja da sua exclusiva responsabilidade, nós, fiéis ao princípio de que no «*Sempre Pronto*» só se diga a Verdade, julgámos nosso dever esclarecer em que constituiam as tais «exigências» e feito isto damos o assunto por encerrado.

A DIRECÇÃO

CONVERSAR, DIZER E ESCREVER

(Continuação do número 30)

FONOLOGIA

Alfabeto

Chama-se ALFABETO aos sons ou letras de uma língua, alinhados numa ordenação estabelecida.

A língua portuguesa tem um alfabeto de 23 letras, que são: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z.*

O *k*, o *w* e o *y*, embora não façam parte do nosso alfabeto, subsistem em derivados eruditos de nomes próprios estrangeiros. Por isso, é erro escrever-se *baironiano, daruinismo*, etc., que serão substituídos por *byroniano*, de Byron, *darwinismo*, de Darwin, *franckliniano*, de Franklin; *kantismo*, de Kant; *wagneriano*, de Wagner; *taylorista*, de Taylor; *shakesperiano* de Shakespeare, etc.

O *k* é ainda usado nas abreviaturas de *quilo* e seus compostos, assim como *W* na de *oeste: kg.=quilograma; kl.=quilolitro; W. S. W.=oés-sudoeste.*

A abreviatura de *oeste* pode ser representada por *O: O. S. O.=oés-sudoeste.*

Estas três letras são ainda empregadas como símbolos diversos.

SÍLABAS

Conforme se disse nos n.os 25 e 26, a SÍLABA é um ou mais sons, lidos numa só emissão de voz: *bo-ca-do, e-nor-me, re-cre-ar, trans-por, tran-si-tar, doi-ra-do.*

Classificação das sílabas

As sílabas podem ser ABERTAS e FECHADAS, se acabam em vogal ou consoante, e INICIAIS, INTERIORES ou FINAIS, conforme o lugar que ocupam na palavra.

Contudo, a classificação que mais nos interessa estudar, é a que respeita ao ACENTO TÓNICO.

ACENTO TÓNICO é a maior elevação ou pausa da voz, numa das sílabas de uma palavra.

A sílaba em que recai o acento tónico, chama-se TÓNICA; a outra ou outras chamam-se ÁTONAS. Exemplos: *ma-NA-da, o-li-VAL, a-gra-DÁ-vel, SÓ-li-do, gra-Fi-a, LÉ-ri-a.*

J. R.

(Continua)

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Concurso das figuras e factos da História de Portugal

IX

Quem percorresse as ruas de Lisboa às primeiras horas da manhã, não diria que uma horrorosa catástrofe ameaçava esta linda cidade. De facto, a manhã parecia anunciar um dia calmo, tanta era a claridade que transparecia na atmosfera e o azul imaculado do céu.

Mas, num ápice, tudo mudou. À tranquilidade sucedeu pavor, ao silêncio seguiram-se estrondosas explosões; o céu tapou-se em breves minutos pela fumarada dos numerosos incêndios, que tudo reduziam a cinzas.

No chão abriam-se grossas fendas, que, ao fecharem-se, transformavam-se em sepulturas de muitas vidas.

Os templos, àquela hora cheios, ruíam dos seus alicerces, e trucidaram legiões de pessoas, entregues às práticas religiosas.

Pelas ruas ouviam-se lamentações, gritos de pavor, ais, e, a culminar esta tragédia, apareciam grupos de malfeitores, a fazerem colheita de tudo o que se lhes apresentava à mão.

O balanço da tragédia é triste: os monumentos da cidade haviam ruído em grande parte; bairros completamente destruídos. Mas o espectáculo mais aterrador era o das vítimas humanas. Centenas e centenas haviam ficado sepultadas entre os escombros das igrejas e de suas casas; outros, queimados vivos nos incêndios e espezinhados pelos que fugiam cegos de terror. O luto e a dor campeavam em Lisboa, há poucas horas alegre e tranquila.

---

a) *Em que data se deu o acontecimento acima citado?*

b) *Quem foi que mandou reconstruir as partes de Lisboa arrasadas?*

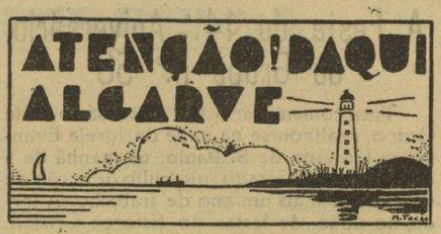
(Para responder, preencher o cupão que se encontra no suplemento junto).

1.ª Convenção Naturista Nacional

A Sociedade Portuguesa da Naturologia prepara activamente o seu primeiro Congresso, cujo regulamento está elaborando, e se deverá realizar em 1948.

Neste Congresso serão discutidos instantes problemas de ordem moral e social (alcoolismo, tabagismo, prostituição, fisiocultura, campismo, reforma da alimentação, higiene popular, terapêutica natural e outros) para interesse da saúde do indivíduo e da Nação.

A correspondência relativa a esta reunião deverá ser dirigida à sede da S. P. N. na C. do Marquês de Abrantes, 128, 2.º — Lisboa.



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Actividades—No passado mês de Novembro, realizou este Grupo um interessante exercício de orientação, num pinhal perto de S. Bartolomeu.

Tratava-se da descoberta da planta dum tesouro escondido no referido pinhal. A patrulha que a conseguisse descobrir teria de encontrar o tesouro, orientando-se por aquela planta.

A vencedora foi a patrulha Águia que descobriu na chaminé duma casa de ruínas, uma caixa de madeira, contendo ao que parecia, muitíssimas moedas, mas completamente fechada. Ao lado da mesma, estava um bilhete com os seguintes dizeres: «Se quiserem abrir a caixa, procurem no sítio da Fontinha pela Tia Teresa Josefa que é quem vos pode auxiliar».

Dirigiram-se para o sítio indicado, perguntando de porta em porta pela Tia Teresa Josefa, até que finalmente a encontraram e a boa velhota, lhes entregou a chave. Viram, então, com grande espanto, que o tesouro era composto sòmente por moedas antigas que já não tinham valor algum. Dentro da caixa, encontraram outro bilhete que dizia o seguinte: «O tesouro já não tem valor, visto já ser muito antigo, coleccionem as moedas e façam um pequeno museu para a patrulha. No entanto, procurem numa Alfarrobeira, que encontrarão prémio do vosso trabalho».

Efectivamente, pendurado numa alfarrobeira estava um pacote cheio de bolos que a patrulha vencedora repartiu pelos restantes.

Festa do fim do ano— A exemplo dos anos anteriores, realizou-se na noite de 31 de Dezembro, uma pequena festa de confraternização, na qual tomou parte a Secção da D. A. F. local.

LOBO DO GUADIANA

LIVROS

Guia do Escoteiro

Da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra recebemos dois exemplares da 3.ª edição da excelente obra de Benjamim Sodré, **Guia do Escoteiro**, com gentis dedicatórias firmadas pelo Sr. Dr. Conegundes Moreira, Secretário Geral da Directoria da Confederação e dedicadas à Redacção do nosso jornal e ao Círculo Fraternal de Cooperação Escotista.

O «**Guia do Escoteiro**», livro já bem conhecido e apreciado nos meios escotistas portugueses, é um completo manual de doutrina e técnica escotistas, a obra mais completa, que sobre Escotismo, e mesmo sobre Campismo, se tem publicado na nossa língua, de onde têm sido compiladas matérias de alguns manuais de Campismo que entre nós se têm publicado.

Em 1925 foi publicada a primeira edição com 3 mil exemplares, em 1932 a 2.ª com 8 mil exemplares e em 1943 a 3.ª com 10 mil exemplares, sem que o seu autor retirasse qualquer vantagem da publicação.

Ao Sr. Comandante Benjamim Sodré, que é um distinto oficial da Marinha Brasileira e um dos principais dirigentes do Escotismo da nação irmã, foi conferido em 1934, com muita justiça, o título de sócio honorário da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Agradecemos muito reconhecidos à Directoria da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra a sua gentil oferta.

A Festa do 14.º Aniversário do Grupo n.º 53

Para comemorar o 14.º aniversário deste Grupo, realizou-se na nave da Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo, na manhã de 1 de Dezembro passado, um culto de acção de graças por mais um ano de trabalho. À tarde, no salão de festas do Esforço Cristão, efectuou-se uma pequena sessão solene, onde foram distribuídas as estrelas de serviço, especialidades e outras insígnias, assim como a distribuição dos prémios do Concurso Interpatrulhas daquele Grupo, que foi ganho pela patrulha «Leão» e, individualmente, pelo Escoteiro-Sénior Samuel Vieira.

O Chefe dos Serviços Administrativos leu um bem elaborado relatório de actividades do Grupo no ano de trabalho que acabara de terminar, donde constam acampamentos, visitas de estudo, reuniões de confraternização, etc.

O Sr. Rev. Pinto Ribeiro, que presidiu à sessão, e enquanto se aguardavam os escoteiros, proferiu uma pequena alocução, em que focou em palavras breves, as origens do escotismo e as suas finalidades.

Depois de serem distribuídas as insígnias e prémios aos escoteiros, o Sr. Rev. Pinto Ribeiro referiu-se ao ambiente especial de todas as sessões escotistas. No fim, o Escoteiro-chefe, Sr. Joaquim Serras Pereira apresentou, em nome do Grupo n.º 85, felicitações ao Grupo aniversariante, por mais um ano de produtivo trabalho.

A seguir, foi inaugurada na sede do Grupo, uma interessante exposição de fotografias e trabalhos escotistas, onde se poderiam admirar, além de um numeroso conjunto de fotografias da longa actividade do Grupo e do «Jamboree» da Paz, muitos trabalhos manuais, desenhos, bem confeccionados herbários, que provam bem a habilidade e as aptidões dos escoteiros deste Grupo.

No dia 3 e seguintes, realizou-se um torneio de pingue-pongue intergrupos, cujo vencedor foi a valorosa equipa do Grupo n.º 99.

O «*Sempre Pronto*» agradece todas as provas de simpatia com que sempre tem sido distinguido por este Grupo, e faz votos para que o Grupo n.º 53 neste novo ano de trabalhos possa ter, se possível, mais actividade, muitos triunfos e «boa caça».

Não há outro...

Olha bem para tua *mãe*, pois não há outro ser no mundo a quem possas tratar com esse doce nome. Não há outro que tanto te estime nem a quem tu devas estimar tanto.

Olha bem para o teu *carácter*, porque não tens outro. É teu para o guardar sem mancha, num mundo onde o vício e a tentação abundam. Podes arruiná-lo num instante, por uma só acção desonesta, mas muitos anos de remorsos não bastarão para restabelecê-lo.

Olha bem para o *presente*, porque não há outro tempo melhor em que possas conhecer quão real, quão suficiente, é a graça do Salvador para te guardar do mal e te guiar ao bem.

Olha bem para o *presente* por ser o único tempo com que podes contar seguramente para viver como deves viver.

Olha bem para o *porvir*, porque não há outro interesse mais importante do que teus interesses eternos. O homem que só pensa na vida actual, dá fracas provas de ser um homem de juízo.

Olha bem para *Deus*, porque não há Outro que tanto olhe para ti, apesar de toda a tua indiferença. Toma sentido naqueles que O conhecem, e nota se as suas vidas não sejam mais dignas da tua aprovação do que as daqueles que O ignoram, e então entrega-te de coração à tarefa de O conhecer.

S. E. M.

De "*O Semeador*„

Dos Amigos do "Sempre Pronto„

Casamento—No passado dia 14 de Dezembro, o nosso caro amigo Sr. Fernando Gomes Carrão consorciou-se com a Sr.ª D. Maria Helena Esteves, também nossa muito estimada assinante.

O «*Sempre Pronto*» envia as suas felicitações aos simpáticos noivos, desejando-lhes muitas venturas.

De viagem—O nosso bom amigo e estimado assinante Sr. Rev. Dr. Manuel da Conceição partiu no dia 29 último para a Suíça por via aérea, de onde deve regressar nos primeiros dias deste mês.

Doente—Tem estado muito doente e retido no leito o nosso irmão-escoteiro Sr. Joaquim dos Santos Ferreira, digno sub-chefe do Grupo n.º 2.

Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

De luto—Encontra-se de luto pelo falecimento do seu saudoso pai, o nosso irmão-escoteiro espanhol Sr. J. Forasté Oliver, de Madrid, a quem enviamos as nossas condolências muito sentidas.

Uma Conferência de Henri Cochet sobre o Ténis, no Instituto Francês

Henri Cochet, o conhecido campeão francês de ténis, proferiu no Instituto Francês, em 12 de Dezembro último, uma conferência sobre aquele desporto, perante um numeroso e escolhido auditório, que seguiu com muito interesse as considerações do orador sobre o ténis e recordações da sua longa vida desportiva.

Henri Cochet referiu-se largamente ao grande torneio mundial da Taça «Davis», cujo troféu esteve em poder, durante anos, da valorosa equipa francesa de que ele fazia parte.

Ao terminar, traçou ainda umas ligeiras considerações sobre o ténis em Portugal, tendo sido muito aplaudido pela selecta assistência.

O «*Sempre Pronto*» agradece o gentil convite que lhe foi endereçado.

N.º 4 — Janeiro de 1948

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

Mal o vento começou a soprar, o Guia, rapaz experiente naquelas lidas, preveniu logo:—«Rapaziada, vamos passar um mau bocado! cada um no seu posto, muita atenção e cumprimento imediato de todas as ordens». Dito isto, enquanto segurava conscientemente o leme, ia advertindo:—«Nada de desânimos!... o escoteiro sorri nas dificuldades»; expressões estas seguidas de ordens referentes ao comando da embarcação.

Entretanto, o vento continuava a soprar forte, com bastante surpresa para todos os rapazes, que tinham previsto um óptimo dia. Mas o mar em volta da ilha era bastante traiçoeiro, segundo afirmavam os pescadores mais experimentados.

As ondas eram cada vez mais impetuosas e a embarcação tão depressa parecia ser engolida pelas águas, como surgia na crista das alterosas ondas. Apesar de todas as precauções era impossível manter a vela, que o Guia, sem perda de tempo, manda enrolar e todos se agarram enèrgicamente aos remos. Com todas estas manobras a jovem tripulação parecia começar a dar mostras dum justificado temor, que não passou despercebido ao Guia.

—Vamos a sorrir!,—gritou ele—. Sempre gostava de saber qual de vocês é agora capaz de cantar o rema, rema, marinheiro!

Mal o Guia tinha acabado de falar e já o Rui rompia com coragem:

Rema, rema, marinheiro,
rema, rema, sem cessar,
que o barco é tua lida,
nunca deixes de remar.

Uma gargalhada geral abafou as últimas notas da canção e o Rui, com o ar mais feliz da sua vida, gritou:—Então, cantei ou não cantei?

Esta peripécia serviu para dar novo ânimo a toda a rapaziada, mas o pior é que a situação se agravava a todo o momento, o que obrigou todos a concentrarem-se num esforço comum, remando pausadamente, com os movimentos ritmados pela voz do Guia:—Re... ma... re... ma... re... ma...

—Raul! essa saca de batatas à água,—mandou o Guia.

O Raul não hesita um instante sequer, mas no bom desejo de manter o ânimo da tripulação, lançou ainda um gracejo:—Minhas queridas pommes de terre!...

—Deixa lá as pommes *da terra! Estão a sobrecarregar o barco—e não fazem falta. Lá na ilha teremos melhores do que essas,—sentenciou o Guia.*

Esta afirmação deixou a patrulha um bocado duvidosa! Na ilha não há qualquer cultura. Mas não há tempo a perder; o que é preciso é enfiar o barco na pequena praia, se praia se pode chamar a uma pequena enseada, encravada no meio dos rochedos.

A paisagem é bela; as rochas de pedra bem clara, cobertas de uma vegetação abundante, descem abruptamente sobre a praia, cujas areias brancas se destacam do verde negro do mato, dos pinheiros e carvalhos. A praia, estreita faixa de uns dez metros de largura, é o ponto de partida de uma azinhaga que serpenteia serra acima até ao cume daquele monte que constitui toda a ilha.

Em tempo bonançoso as ondas vêm morrer docemente na areia, mas hoje, com o temporal, as vagas batem furiosamente nas rochas e formam repuxos, espuma, num espectáculo que seria belo, se não tivesse a rodeá-lo tão grande perigo. É necessário arribar àquela língua de terra, a patrulha já o tentou por três vezes e em todas elas foi necessário recuar urgentemente para que o barco se não despedaçasse contra os penhascos.

—Vamos tentar uma última vez,—bradou o Guia.—Apertem bem esses cintos de salvação e preparem-se para se lançarem à água assim que eu mandar, se for necessário, e antes que o barco bata nas rochedos. Deus nos ajude.

CONTINUA

IUCAIDI

Quando a cotovia acorda
Iucaidi Iucaidá
A vedeta nos recorda
Iucaidi aidá
Que é preciso levantar,
E saímos a cantar:

Coro

Iucaidi, Iucaidá
Iucaidi aidi aidá
Iucaidi, Iucaidá
Iucaidi aidá

Depois é que nos juntamos,
O bornal afivelamos,
E partindo com coragem
Transportamos a bagagem.

Do Sacfiem, de pele vermelha
Temos a ciência velha
Que ensina a avaliar
O tempo, antes de marchar.

Quando a relva tem orvalho,
A chuva não dá trabalho,
E a relva seca anuncia
Que choverá nesse dia.

Se o rócio da noite banha,
De noite as teias de aranha,
Eis um sinal de primor
De que vai fazer calor.

Que faça bom tempo ou não,
Sempre canta o coração,
Olhar vivo e pé ligeiro
São o moto do escoteiro.

Ao viajar o escoteiro,
Até passa sem dinheiro;
Que em cuidados não trepida
Quem sabe ganhar a vida.

A honra é nossa nobreza
E o bem é nossa riqueza;
Destemido e altaneiro
Assim marcha o escoteiro.

Da campina, a doce calma
Infunde paz em noss'alma;
E em cama de maravalha
Toda a gente se agasalha.

Quando a paz dos campos cresce
E a noite sobre nós desce,
Com os corpos fatigados
Dormimos sem mais cuidados.

Dos campos, na doce paz
Noss'alma se satisfaz;
Fica alerta a sentinela,
Sobre o nosso sono vela.

Os senhores têm visto
A moral de tudo isto;
Ser escoteiro nesta idade
É a maior felicidade!

Tradução e adaptação de *Eduardo Moreira*

Um gesto simpático

A *Soda Póvoa*, importante estabelecimento fabril com sede na Póvoa de Santa Iria, a quem solicitámos publicidade para o nosso jornal, não estando no momento presente interessada nessa publicidade, teve a gentileza de nos comunicar que estava à nossa disposição no escritório da sua Delegação em Lisboa, a quantia de **Esc. 160$00** correspondendo a um anúncio de 1/2 página, manifestando a sua simpatia pelas finalidades do «*Sempre Pronto*».

Cativou-nos profundamente o gesto da Administração desta Empresa, a quem apresentamos o nosso agradecimento.

IMPRENSA

ECOS DE BELÉM

Com o seu número 1 de Janeiro, entra no XVII ano de publicação, o nosso prezado colega «Ecos de Belém», simpático semanário defensor dos interesses da freguesia de Belém e arredores.

O «*Sempre Pronto*» aproveita a oportunidade para lhe manifestar a sua simpatia e desejos de longa vida a todos quantos nele trabalham, em especial ao seu Director, nosso estimado amigo Sr. João Bastos Nunes.

O SÉCULO

Tendo passado no dia 4 de Janeiro corrente, o 67.º aniversário deste importante diário da capital, que ao escotismo tem dedicado particular simpatia, vimos desejar-lhe na pessoa do seu ilustre Director, Sr. João Pereira da Rosa, as maiores prosperidades.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Também este importante diário lisboeta completou no passado dia 29 de Dezembro, o seu 83.º de existência. Por este motivo, enviamos saudações a todos que nele trabalham e agradecemos todas as atenções que sempre têm dedicado ao nosso modesto jornal.

PRIMEIRO DE JANEIRO

Em 1 do corrente, passou o 80.º aniversário deste importante diário da Capital do Norte, motivo por que lhe endereçamos os nossos cumprimentos de felicitações.



Calendários Escotistas para 1948

Com uma sugestiva gravura, impressos a duas cores, com folha mensal, assinalando as diversas datas escotistas e aniversários de grupos.

TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO
Rua do 1.º de Dezembro—Lisboa
ELECTRO-BRILHANTE—Rua dos Fanqueiros, 187—Lisboa
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
Rua Augusta, 158—Meia de Vidro—Lisboa
E NA REDACÇÃO DO «SEMPRE PRONTO»

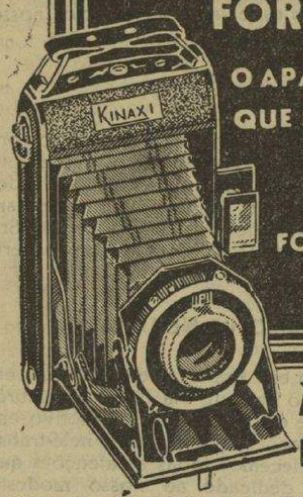
PREÇO-ESC. 3$00
(Pelo correio acresce o porte)

LÂMPADAS LUMIAR
MOTORES ENAE
EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA
Av. 24 de Julho, 158-Telef. 6 2177/78-LISBOA

KINAX

FORMATO 6x9 cm

O APARELHO FOTOGRÁFICO QUE SATISFAZ A TODAS AS EXIGÊNCIAS DO VERDADEIRO FOTÓGRAFO-AMADOR



À VENDA EM TODAS AS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

PREÇO ÚNICO EM TODO O PAÍS, ESC. 975$00

REPRESENTANTE | M. SIMÕES JÚNIOR
RUA DA CONCEIÇÃO, 46, 1.º - TELEF. 3 0306 - LISBOA

O Orfeão Evangélico de Lisboa

No passado dia 15 do mês findo, o Orfeão Evangélico de Lisboa realizou um SARAU DE ARTE na sala de festas do Belém-Clube perante uma assistência escolhida, que enchia por completo o vasto recinto.

O Orfeão, sobre a regência do nosso estimado amigo e assinante Sr. Paulo Maurício, executou primorosamente diversos números de música clássica e religiosa, sendo solista o Sr. José dos Santos Serra.

A distinta cantora Sr.ª D. Jovita Torres Lino apresentou dois números de canto acompanhada ao piano pela Sr.ª Prof.ª D. Maria Luísa Schiappa.

Completaram o selecto programa alguns solos de piano executados pela ilustre pianista Sr.ª Prof.ª D. Rosalina Vantache Morgado.

O auditório, que escutou com muito agrado todos os números, demorou-se em prolongados aplausos, a que o «*Sempre Pronto*» se associa, agradecendo a gentileza do convite que lhe foi feito para assistir ao interessante Sarau de Arte.

Cumprimentos ao «Sempre Pronto»

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas-Festas e votos para o Ano Novo os nossos amigos e senhores Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior, Eugénio Ribeiro Nunes, Faustino dos Santos Leitão, Fernando Feliciano de Oliveira Custódio, Francisco Militão dos Santos, Hélio dos Santos Roque, Joaquim Andrade Rasquilho Vieira, José Duarte Pimenta, Manuel Francisco da Horta, Ottosgráfica, L.da, Dionísio Eleta González, Patrula «Lobo Gris» de Madrid, José Palou i Casals e Juan Vilar, de Barcelona; do Editor de «The Calp Scout», de Gibraltar; do Grupo «Gualdim Pais» e da Alcateia «S. João Baptista» do C. N. E. de Tomar e dos Grupos n.os 5, 6, 9, 77, 79, 84 e 85.

Agradecemos muito reconhecidos e retribuímos com prazer.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado.... 80.000.000$00
Fundos de reserva.. 82.500.000$00

SEDE EM LISBOA

Dependências urbanas:

Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis, Benfica, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque de Saldanha

Filiais e Agências:

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Ponta Delgada, TorresVedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortosendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo, Vila F.ca de Xira e Montemor-o-Novo

NÓDOAS BRILHO ?



então rejuvenesça o seu fato com o LIMPA-FATOS CASULO

Com o «Limpa-Fatos» CASULO dá-se a todos os fatos de homem, vestidos, chapéus, tapetes. etc., a aparência de novos, limpando-os inteiramente, tirando-lhes todas as nódoas e o lustro do coçado, reavivando-lhes a cor, desinfectando, tirando o mau cheiro e dando-lhes novo apresto.

Cada pacote custa apenas 2$50 e dá para 1 litro de soluto

Em todas as drogarias do País
ÚNICOS FABRICANTES

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SABÕES, L.da

Rua dos Lusíadas, 29 — Lisboa Telefone 36531

Rejeitar as imitações, algumas delas com o nome de Limpa-fatos, para estabelecer a confusão, mas que não têm nem podem ter a composição do verdadeiro "Casulo Limpa-Fatos".

Não encontrando no seu fornecedor habitual, ou noutra drogaria mais próxima, fornecemos o "Limpa-Fatos" CASULO, à cobrança sem mais despesas além do seu custo.